

**NOTAS SOBRE EFETIVIDADE DE UM
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA**

**NOTES ABOUT EFFECTIVENESS OF AN
ENTREPRENEURIAL PROGRAM EDUCATION**

Valdemiro Hildebrando, Ph.D.
Universidade do Planalto Catarinense
Avenida Castelo Branco, 170
88509-900 Lages - SC, Brasil
E-mail: vbrando@uniplac.net

Agosto 2009

NOTAS SOBRE EFETIVIDADE DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

SUMÁRIO

Este estudo avaliou a propensão ao risco, inovação e necessidade de realização em dois grupos (total n = 111) de participantes de um programa brasileiro de treinamento em empreendedorismo e administração. O Grupo de Tratamento (n = 57) era composto por empreendedores e proprietários/gerentes de micro e pequenas empresas que haviam sido submetidos ao treinamento empreendedor. O Grupo de Comparação (n = 54) era composto por pessoas que não haviam sido submetidas ao treinamento. Atitudes e comportamentos de ambos os grupos foram avaliados utilizando questionários padronizados, pré-formatados. Diferenças estatísticas entre os dois grupos não se revelaram significantes e indicaram baixa propensão ao risco e necessidade de realização. Adicionalmente, apesar de que os grupos revelaram tendências para inovação, esta não era orientada para negócios.

Palavras-chave: educação empreendedora, empreendedorismo, pequenos negócios.

NOTES ABOUT EFFECTIVENESS OF AN ENTREPRENEURIAL PROGRAM EDUCATION

ABSTRACT

This study assessed propensity toward risk, innovativeness, and need for achievement in two groups (total n = 111) of Brazilian participants in an entrepreneurial and managerial training program. The Treatment Group (n = 57) was composed of practicing entrepreneurs, and micro and small business managers who had undergone entrepreneurial training. The Comparison Group (n = 54) was composed of individuals who had not undergone entrepreneurial training. Attitudes and behavior of both groups were assessed using standardized, pre-formatted responses scales. Statistical differences between the two groups were not significant and indicated their low propensity toward risk and need for achievement. Further, although the subjects revealed innovative tendencies, innovativeness was not business-oriented.

Key words: entrepreneurial education, entrepreneurship, small business.

JEL Classification: I29, M13

INTRODUÇÃO

Este estudo avalia em que extensão os participantes de um programa de treinamento para empresários, composto principalmente por proprietários e gerentes de micro e pequenos negócios, serão bem sucedidos com respeito à intenção de gerar emprego e renda. Diversos autores, entre os quais Robinson e Haynes (1991); Cox (1997); Henry (2000) e Luthje & Franke (2002), mencionam a necessidade de avaliação de resultados de programas de treinamento e educação para o empreendedorismo. Características da personalidade de empreendedores que haviam completado o programa de treinamento foram comparadas com as de futuros empreendedores. Adicionalmente, objetiva apresentar evidência empírica da importância de selecionar participantes em programas semelhantes no Brasil para maximizar a eficácia de futuros programas.

UMA VISÃO SOCIOECONÔMICA

Apesar de que se trata de um clichê, a metade da década de 1970 e grande parte dos anos 1980 foram uma “década perdida” para o Brasil (Velloso, 1992). Novas políticas destinadas não conseguiram evitar o crescimento do desemprego que, apesar de não ser o problema mais crítico do país, representava enorme desafio para o redirecionamento de sua economia (Aninat, 2000; Smith, 2002). Estatísticas mostram que o desemprego atingia 11,2 por cento da força de trabalho em 2006 (IPEA, Maio 25, 2006). Em muitas comunidades do interior do país, a taxa de desemprego é ainda mais alta. Os anos 1980 foram marcados por tentativas de resolver os problemas do país com planos econômicos heterodoxos (Bresser Pereira, 1994) e, apesar de maior controle das finanças públicas e do controle da inflação, o desemprego na casa dos dois dígitos, o mais alto depois da II Grande Guerra, foi o preço da estabilidade econômica.

A INTERVENÇÃO

Em adição a programas implantados pelo governo federal, foi organizado pela municipalidade de Lages, Estado de Santa Catarina, um Programa de Treinamento Empresarial (PTE), em resposta à alta taxa de desemprego na região. Gerado como uma série de cursos e palestras com o objetivo de melhorar habilidades gerenciais para proprietários e

gerentes de pequenos negócios, e habilidades empreendedoras para aqueles que aspiravam tornarem-se empresários, incluía extenso programa de treinamento prático.

A seleção dos participantes deste estudo foi feita através do método de amostragem por conveniência, um modo de selecionar uma “área ou unidade de análise politicamente sensitiva” (Patton, 1990, p. 180), e uma forma de amostragem estratificada (Gliner & Morgan, 2000). A Tabela 1 apresenta características demográficas do grupo de Tratamento (participantes do PTE) e o grupo de Comparaçao (futuros participantes do PTE).

Tabela 1: A população do Programa

	População	<u>Grupo t:</u>	
Proprietários / gerentes de micro e pequenos negócios, indivíduos auto-empregados e empreendedores:	250	57 *	23%
Estudantes, aposentados, empregados e desempregados:	1,210	-	-
Indivíduos treinados (expostos ao programa):	1,460	-	-
Indivíduos a serem treinados (não expostos ao programa):	-	<u>Grupo c:</u> 54 **	-
Total da amostragem:	-	111	-

* Grupo t (tratamento): expostos ao programa
** Grupo c (comparação): a serem expostos ao programa

OBJETIVOS DA PESQUISA

Este estudo objetiva responder a três questões:

- (1) Apresentariam os participantes deste PTE potencial para serem empreendedores de sucesso? (2) Quais as probabilidades de os participantes apresentarem, após a conclusão do PTE, maior propensão para atingir os objetivos originais do programa? (3) Alguns dos indivíduos treinados por este PTE revelariam características típicas de empreendedores?

PÓS-TESTE (QUESTIONÁRIOS)

O pós-teste (questionário) utilizado neste estudo foi compilado de instrumentos utilizados por Jackson (1994, p.1) para medir e também reproduzir uma variedade de características de personalidade, os quais derivam de pesquisa contemporânea na área da psicologia. O pós-teste avalia características de personalidade consideradas fundamentais

para empreendedores: necessidade de realização, inovação e propensão ao risco (McClelland, 1961; Aronoff & Litwin, 1971; Timmons, 1978; Long, 1983; Carland et al., 1984; Julien, 1993; Stewart et al., 1999; Rasheed, 2000; Henry, 2000).

Após a tradução do pós-teste (questionário) do Inglês para o Português, este foi administrado em uma série de testes-piloto para grupos de universitários brasileiros. Esta técnica de tradução foi utilizada por Stewart et al. (1999) numa pesquisa sobre necessidade de realização, inovação e propensão ao risco de empreendedores russos, com exceção do processo de “back-translation”, o qual não foi utilizado neste estudo.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo apresenta as seguintes limitações: (1) Distribuição aleatória dos pós-testes (questionários) não foi possível devido às características da população envolvida; (2) Pré-testes não foram administrados porque o PTE estava em andamento quando este estudo foi iniciado; (3) Não havia critério de participação em termos de idade, experiência profissional e educação – o programa era oferecido sem custos a qualquer pessoa interessada; (4) Nenhuma avaliação formal do novo conhecimento adquirido pelos participantes estava disponível.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Os participantes nos grupos de Tratamento e Comparaçao receberam questionários contendo questões do tipo falso/verdadeiro. Para finalidades estatísticas, a resposta correta ou verdadeira é considerada como equivalente a 1; a falsa ou incorreta é considerada como equivalente a 0 (zero). Por exemplo, o participante que concordasse com a declaração “eu gosto de assumir riscos” e a marcasse como “verdadeira” estaria revelando propensão ao risco. O participante que discordasse desta declaração e a marcasse como “falsa” estaria mostrando não-propensão ao risco.

A Tabela 3 apresenta a percentagem de respostas corretas de ambos os grupos com base no número total de respostas “corretas”.

Tabela 3: Porcentagem de respostas corretas agrupadas

Categorias	<i>nReal</i>	<i>Inov</i>	<i>Risc</i>
	%	%	%
Grupo de Comparação:			
Homens	55.3	72.7	39.4
Mulheres	58.7	67.7	33.7
Total do Grupo	57.1	70.1	36.5
Grupo de Tratamento:			
Homens	60.9	77.1	34.6
Mulheres	60.1	76.4	30.1
Total do Grupo	60.5	76.8	32.2

À primeira vista, as percentagens sugerem pequena diferença estatística entre o grupo de Tratamento e o de Comparação. Médias, desvio padrão e o teste-t entre as médias foram computadas em cada uma das três categorias—necessidade de realização (*nReal*), inovação (*Inov*) e propensão ao risco (*Risc*). Significância estatística não foi encontrada em *nReal*; constatada positiva em *Inov*, e contraditória em *Risc*:

Resultados Quantitativos: Resultado 1:

Os resultados estatísticos (Média = 9.70; $t = -1.601$ com $P = 0.112$, $p = < 0.05$) apresentados pelo grupo de Tratamento não foram tão altos como haviam sido antecipados em termos de *nReal*. O comportamento defensivo dos indivíduos auto-empregados e a maioria dos proprietários de micro e pequenos negócios é caracterizado como de subsistência ou manutenção do seu estilo de vida, um aspecto mencionado em Garavan & O'Cinneide (1994), e Liedholm & Mead (1999).

Resultados Quantitativos: Resultado 2:

Os resultados estatísticos (Média = 15.35; $t = -2.085$ com $P = 0.039$, $p = < 0.05$) do grupo de Tratamento foram mais altos comparáveis aos apresentados pelo grupo de Comparação em termos de *Inov*. O Autor acredita que esta situação deve-se principalmente a criatividade artística dos participantes, não orientada para negócios, uma perspectiva sugerida por Robinson et al. (1991). Audretsch (1995, p. 104) também afirma que indivíduos auto-empregados “não estão engajados em nada que pareça atividade inovadora”, uma característica também notada em Carrée & Thurik (2002). Ver também McAdam et al. (2004) a respeito de barreiras culturais à inovação aplicáveis a estes grupos.

Resultados Quantitativos: Resultado 3:

Os resultados estatísticos (Média = 6.44; t = 1.371 com P = 0.173, p = < 0.05) apresentados pelos membros do grupo de Tratamento foram mais baixos que seus pares no grupo de Comparação em termos de *Risc*. Stewart & Roth (1999) argumenta que os proprietários de pequenos negócios, mais conservadores em relação a risco, se relacionam com a incerteza em menores graus e trabalham em ambientes pouco estruturados. Como o grupo de Comparação atingiu um nível de risco mais alto, isso implica que o programa apresentou uma percepção diferente para os membros do grupo de Tratamento - possivelmente, que risco é indesejável - o que os leva à aversão ao risco (Julien, 1993, 1998; Stewart & Roth, 1999; Wagner & Sternberg, 2002).

Resultados Qualitativos: Resultado no. 4: Aspectos de mensuração

Stewart et al. (1999) afirma que a pesquisa intercultural tem sido freqüentemente inconclusiva e que isso deve-se a variações em amostras, validade dos construtos e dificuldades com mensuração, conclusões a que também chegaram Johnson (1990) e Julien (1998). Algumas das perguntas constantes dos questionários aqui utilizados são estranhas ao contexto brasileiro. Para avaliar se os resultados poderiam resultar numa conclusão diferente um cálculo à parte excluiu tais perguntas; o resultado, entretanto, não se alterou.

Resultados Qualitativos: Resultado no. 5: Aspectos culturais

Os questionários refletem em parte o sistema americano de vida, e algumas das questões relativas a *nReal* sugerem alto nível de competitividade, contrastando com o programa, que apresentou a cooperação entre empresas como uma abordagem adequada aos pequenos negócios em geral — que os ajuda a sobreviver num mercado cheio de grandes empresas (Kirchhoff, 1991) e assim superar problemas de escala (Loveman & Sengenberger, 1990). Existem importantes diferenças psicológicas entre os Estados Unidos e o Brasil relativas aos valores culturais descritos por Hofstede (1980) e Stewart et al. (1999). Sarasvathy et al. (2002) em suas conclusões, afirma que “empreendedorismo e características pessoais não podem ser avaliados separados das características ambientais”.

Resultados Qualitativos: Resultado no. 6: Aspectos Curriculares

A lista de disciplinas ministradas nos cursos mostra concentração em assuntos administrativos; apenas uma disciplina refere-se diretamente a empreendedorismo. Diversos autores recomendam combinar habilidades e treinamento psicológico (McClelland, 1961; Rasheed, 2000). Garavan & O’Cinneide (1994) sugere que a educação empreendedora deve abordar conhecimento, habilidades e atitudes. Lasonen (1999) argumenta que uma educação vocacional muito estreita pode colocar em risco a educação empreendedora, a qual deve

incluir estudantes organizando e administrando seus próprios projetos, uma metodologia educacional que veio de Cotton (1991) e reflete o que Garavan & O’Cinneide (1994) chama de ‘preferência primária pela ação empreendedora’. Alguns autores insistem que PTEs devem ensinar habilidades administrativas e empreendedoras (Rey, 2001), enquanto outros advogam que PTEs devem incluir seleção de estudantes e professores e conhecimento baseado em teoria e experiências do mundo real (Luthje & Franke, 2002). Henry (2000) sugere um modelo chamado de “best-model practice” que inclui monitorar o processo desde seu planejamento até os resultados finais.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

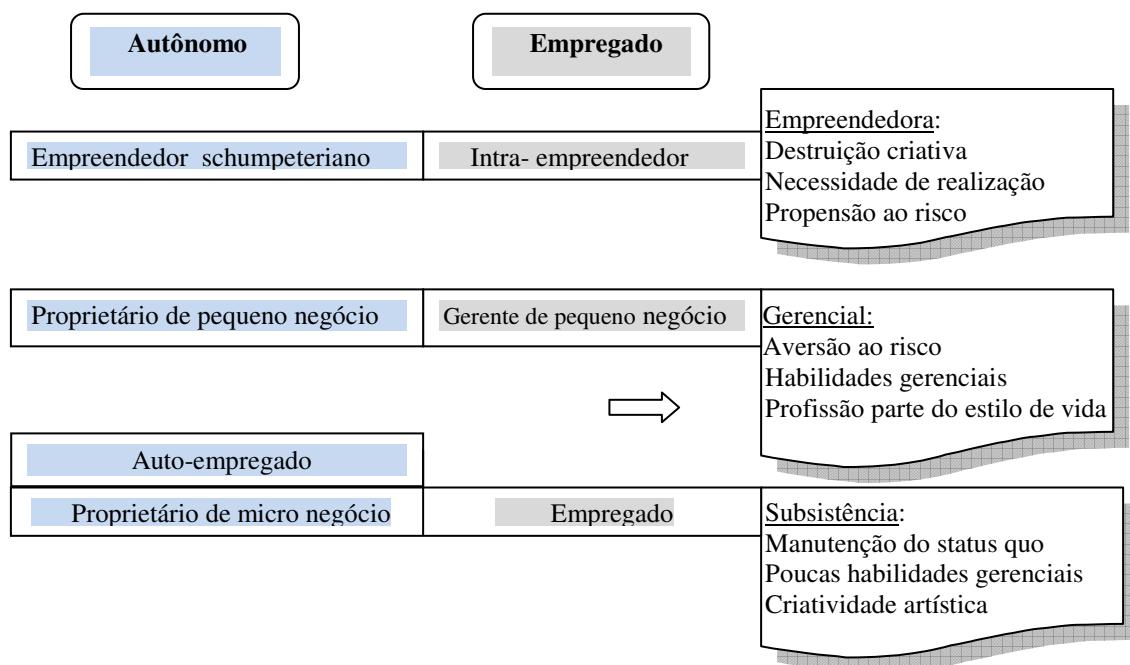
Henry (2000, p. 273) conclui que programas de treinamento empreendedor “podem não ser efetivos em termos de causa e efeito”, mas apresentam o efeito positivo de melhorar a visão dos participantes a respeito do negócio, fazendo-os propensos à criação e à inovação e conscientes dos riscos e recompensas da atividade empreendedora (ver mais em Ibrahim & Soufani [2002] e Jones & English [2004]). Nenhuma empresa apresentada neste estudo pode ser considerada *gazela* (Birch, 1979); apenas uma não pertencia à categoria de micro firmas (ou auto-emprego). Em Lussier et al. (2000) constata-se que, pelo tamanho das empresas participantes deste PTE e pela baixa propensão ao risco e à inovação (não orientada para negócios), todas se enquadram na categoria de baixo risco/baixa inovação.

Seria erro acadêmico considerar companhias com 20-499 empregados (pequenas e médias) como iguais àquelas que têm 5-19 empregados (muito pequenas) ou igualar estas com micro firmas com 4 ou menos empregados, replicando o engano cometido nos anos 1970 (Machlup, 1967) quando as PMEs foram subestimadas em favor do paradigma da escala, prevalente àquela época (a esse respeito ver Brock & Evans [1989]; Acs [1992] e Julien [1993, 1998]).

Este estudo questiona a eficácia de um programa de treinamento empreendedor quando os participantes são principalmente proprietários de micro negócios e indivíduos auto-empregados. Os resultados dão suporte à noção de que é necessário selecionar diferentes tipos de empreendedores para obter uma amostragem mais homogênea, assim aumentando a probabilidade de variações estatísticas significativas.

A Figura 1 apresenta um sumário esquemático das conclusões deste estudo, comparando atitudes empreendedoras e suas posições intercambiáveis, que ajuda a clarificar os resultados apresentados neste estudo.

Figura 1: Características comportamentais do empresário: uma síntese



Fonte: compilação de dados apresentados em McClelland (1961), Schumpeter (1934, 1947), Kirchhoff (1991), Audretsch (1995), Julien (1993, 1998), Wennekers & Thurik (1999), Henry (2000), Carrée & Thurik (2002) e Hildebrando (2004).

RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

O Autor apresenta três recomendações para futuras pesquisas: medir a eficácia de treinamentos em empreendedorismo através de análises longitudinais; segundo, futuros programas de treinamento e educação empreendedora devem concentrar-se nas micro e pequenas empresas; finalmente, investigar a contribuição específica para a economia regional e nacional trazida por micro empresas, indivíduos auto-empregados e empreendedores.

REFERÊNCIAS

- Acz, Z. Small Business Economics: A Global Perspective, *Challenge*, Vol. 30, no.6, p.38-44, 1992.
- Aninat, E. Speech to the International Monetary Fund, Washington, D.C., 2000, May 26. Disponível em: <http://www.imf.org/external/np/speeches/2000/052600.htm> (acesso Ago 2009).
- Aronoff, J. & Litwin, G. H. Achievement Motivation Training and Executive Advancement, *Journal of Applied Behavioral Science*, Vol. 7, no. 2, p. 215-229, 1971.
- Audretsch, D .B. *Innovation and Industry Evolution*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- Birch, D. V. The Job Generation Process: Final Report to Economic Development Administration, Program on Neighborhood and Regional Change, Cambridge, MA, MIT, 1979.
- Bresser Pereira, L.C. A Economia e a Política do Plano Real. *Revista de Economia Política*, Vol.14, no. 4, Outubro 1994. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/ver_file.asp?id=541 (acesso Ago 2009).
- Brock, W. A. & Evans, D. S. Small Business Economics, *Small Business Economics*, Vol.1, p. 7-20, 1989.
- Carland, J. W., Hoy, F., Boulton, W. R. & Carland, J. A. Differentiating Entrepreneurs from Small Business Owners: A Conceptualization. *Academy of Management Review*, Vol. 9, p. 354-359, 1984.
- Carrée, M. A. & Thurik, A. R. The Impact of Entrepreneurship on Economic Growth. Center for Advanced Small Business Economics (CASBEC). Rotterdam: Erasmus University, 2002. Disponível em <http://people.few.eur.nl/thurik/Research/Books/Thurikf.pdf> (acesso Ago 2009)
- Cotton, J. The Enterprise Education Experience, *Education and Training*, Vol. 33, No. 4, pp. 6-13, 1991.
- Cox, L. W. International Entrepreneurship: A Literature Review. Florida International University, 1997. Disponível em:
<http://usasbe.org/knowledge/proceedings/proceedingsDocs/USASBE1997proceedings-p180cox.pdf> (acesso Ago 2009)
- Garavan, T. H. & O'Cinneide, B. Entrepreneurship Education and Training Programmes: A Review and Evaluation—Part 1. *Journal of European Industrial Training*, Vol. 18, no. 8, p. 3-12, 1994.
- Gliner, J. A. & Morgan, G. A. *Research Methods in Applied Settings: An Integrated Approach to Design and Analysis*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- Henry, C. *The Effectiveness of Entrepreneurship Education and Training Programmes: An Investigative Study*. Tese (Doutorado). Belfast: Queens University, 2000.
- Hildebrando, V. *Assessing Entrepreneurial Characteristics in a Brazilian Training Program*. Tese (doutorado). Cincinnati, EUA: Union Institute & University, 2004.
- Hofstede, G. *Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values*. Newbury Park, CA: Sage, 1980.
- Ibrahim, A.B., Soufani, K. Entrepreneurship Education and Training in Canada: a Critical Assessment. *Education & Training*, Vol. 44, no. 8/9, p. 421-430, 2002.

Jackson, D.N. *Jackson Personality Inventory—Revised Manual*. Port Huron, MI: Research Psychologists Press, 1994.

Jones, C. & English, J. A Contemporary Approach to Entrepreneurship Education. *Education & Training*, Vol. 46, no. 8/9, p. 416-423, 2004.

Johnson, B. Toward a Multidimensional Model of Entrepreneurship: The Case of Achievement Motivation and The Entrepreneur. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 14, No. 3, pp. 39-54, 1990.

Julien, P. A. Small Business as a Research Subject: Some Reflections on Knowledge of Small Business and Its Effects on Economic Theory. *Small Business Economics*, Vol. 5, p.157-166, 1993.

_____. *The State of the Art in Small Business and Entrepreneurship*. Aldershot, UK: Ashgate Publishing Co., 1998.

Kirchhoff, B.A. Entrepreneurship's Contribution to Economics. Conflict Between Macro and Microeconomics With Regard to General Equilibrium Theory. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 16 (Winter), pp. 93-112, 1991.

Lasonen, J. L. Entrepreneurship and Self-Employment Training in Technical and Vocational Education. *Keynote Statements at 2nd International Unesco Congress on Technical and Vocational Education*, Finland: University of Jyvaskyla, 1999. Disponível em:
http://www.eric.ed.gov/ERICWebPortal/custom/portlets/recordDetails/detailmini.jsp?_nfpb=true&_ERICExtSearch_SearchValue_0=ED452341&ERICExtSearch_SearchType_0=no&accno=ED452341 (acesso em Ago 2009)

Liedholm. C. & Mead, D. C. *Small Enterprises and Economic Development: The Dynamics of Micro and Small Enterprises*, New York: Routledge, 1999.

Long, W. L. The Meaning of Entrepreneurship, *American Journal of Small Business*, Vol. 8, no. 2, p. 47-57, 1983.

Loveman, G. & Sengenberger, W. Social Reorganization in the Small and Medium-Sized Enterprise Sector. In W. Sengenberger, G. Loveman & M. J. Piore (Eds.), *The Re-Emergence of Small Enterprises: Industrial Restructuring in Industrialized Countries*, Geneve: Institut International d'Etudes Sociales, 1990.

Lussier, R. N., Sonfield, M. C., Corman, J. & McKinney, M. Strategies Used by Small Business Entrepreneurs. *Mid-American Journal of Business*, Vol. 16, no. 1, p. 29-40, 2000.

Luthje, C. & Franke, N. Fostering Entrepreneurship through University Education and Training: Lessons from Massachusetts Institute of Technology. Stockholm: *Proceedings of the 2nd Annual Conference on Innovative Research in Management*, 2002.

Machlup, F. Theory of the Firm: Marginalist, Behavioral, Managerial. *American Economic Review*, Vol. 57, no. 1, p.1-33, 1967.

McAdam, R., McConvery, T., & Armstrong, G. Barriers to Innovation Within Small Firms in a Peripheral Location. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, Vol. 10, no. 3, p. 206-221, 2004.

McClelland, D. C. *The Achieving Society*. Princeton, NJ: Van Nostrand,1961.

Patton, M. Q. *Qualitative Evaluation and Research Methods*. Newburg Park, CA: Sage Publications, 1990.

Rasheed, H. S. Developing Entrepreneurial Potential in Youth: The Effect of Entrepreneurial Education and Venture Creation. *Working Paper*. University of South Florida, 2000. Disponível em: <http://usasbe.org/knowledge/proceedings/proceedingsDocs/USASBE2001proceedings-063.pdf> (acesso Ago 2009)

Rey, A. A. The Development and Implementation of European Entrepreneurship Training Curricula, *European Commission Project*. Madrid: Carlos III University of Madrid, 2001. Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/4dy8juj7r9e8q48w/> (Acesso Ago 2009).

Robinson, P. & Haynes, M. Entrepreneurship Education in America's Major Universities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol. 15, no. 3, p. 41-52, 1991.

Sarasvathy, S. D, Venkataraman, S., Dew, N. & Velamuri, R. Three Views of Entrepreneurial Opportunity. In Z. Acs (Ed.), *Entrepreneurship Handbook, 2002*. Disponível em: <http://www.darden.virginia.edu/Batten/pdf/WP0013.pdf> (Acesso AGO 2009).

Schumpeter, J. A. *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934. Reimpresso. New York, NY: Oxford University Press, 1961.

Essays on Entrepreneurs, Innovations, Business Cycles, and the Evolution of Capitalism, R.Clemence (Ed.). Oxford, UK: Transaction Publishers, 1947.

Smith, G. Down in the Dumps in Latin America. *Business Week*, July 29, 2002. Disponível em: http://www.businessweek.com/magazine/content/02_30/b3793094.htm (acesso AGO 2009)

Stewart, W. H. Jr., Carland, J. C., Carland, J. W. & Watson, W. E. Entrepreneurial Goal Orientations: A Comparative Exploration of U. S. and Russian Entrepreneurs. *Frontiers of Entrepreneurship Research*, Vol. II, 1999 (Babson College).

& Roth, P. L. Risk Propensity Differences Between Entrepreneurs and Managers: A Meta-Analytic Review. *Working Paper No. 99-109*, Arthur M. Spiro Center for Entrepreneurial Leadership, Clemson University, 1999. Disponível em: <http://business.clemson.edu/Spiro/pdfs/99-101.pdf> (Acesso AGO 2009).

Timmons, J. A. Characteristics and Role Demands of Entrepreneurship. *American Journal of Small Business*, Vol. 3, no. 1, p. 5-17, 1978.

Velloso, João Paulo R. (Org.). Estratégia Industrial e Retomada do Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992.

Wagner, J. & Sternberg, R. Personal and Regional Determinants of Entrepreneurial Activities: Empirical Evidence from the REM Germany. *Working Paper no. 624*. Bonn: University of Lunenburg, 2002. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=358100 (Acesso AGO 2009).

Wennekers, S. e Thurik, R. Linking Entrepreneurship and Economic Growth. *Small Business Economics*, Vol.13, N.1, pp. 27-55, 1999.